



O perfil jornalístico e o interacionismo simbólico goffmaniano ¹

Amanda Tenório Pontes da Silva ²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Neste artigo pretendemos explorar o conceito de perfil jornalístico, formato revelador da identidade da personagem através da exposição de passagens de sua vida, mas tendo um acontecimento no presente que o motive. O perfil será compreendido a partir do interacionismo simbólico de vertente goffmaniana. Essa corrente de estudo do cotidiano tem forte amparo teórico em Simmel e influencia o entendimento da vida cotidiana sob a lógica das interações sociais na ótica dos atores. Escolhemos o interacionismo, pois o mesmo trata de temas pertinentes à nossa pesquisa como: personagem, dramaturgia, representação e entrevista *face to face*.

PALAVRAS-CHAVE

Perfil jornalístico; Personagem; Cotidiano; Interacionismo Simbólico; Erving Goffman.

INTRODUÇÃO

O jornalismo caracteriza-se como um espaço onde podemos observar, mesmo que através de filtros, os fatos que ocorrem na vida social. A sua linguagem específica permite que, por meio de gêneros e formatos distintos, como é o caso do perfil, retratemos o cotidiano a partir da história de vida das personagens que dele fazem parte.

Sustentando-se através do tripé: espaço, tempo e sujeito, o jornalismo veicula midiaticamente produtos necessários à solidificação do homem enquanto sujeito crítico e consciente do seu papel histórico na contemporaneidade. Marcia Benetti (2008, p. 108) o compreende como:

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 02 a 06 de setembro de 2011.

² Mestranda Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha Mídia e Cotidiano, da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista Capes. Integrante do Grupecj - Grupo de Estudos sobre o Cotidiano e o Jornalismo, vinculado ao PPGC/UFPB, e-mail: amandatenorio.jornalismo@gmail.com.



(...) um lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares.

Na classificação da escrita jornalística em gêneros, formatos e tipos, elaborada pelo professor José Marques de Melo e Francisco de Assis, organizadores do livro “Os Gêneros Jornalísticos no Brasil” (2010), o perfil é enquadrado como formato jornalístico do gênero interpretativo.

Por ser um formato que desvenda a intimidade, mas sem tirar o pé da realidade, conquista facilmente a empatia dos leitores. No entanto, cabe salientar que o perfil tem sido confundido com a entrevista e até mesmo com a biografia. Esta trata de narrar a vida inteira de um indivíduo sem o compromisso espaço-temporal do presente.

Com o perfil sendo uma forma eficaz de narrar o cotidiano ilustrado pelas passagens de vida dum sujeito, e sendo o jornalismo traduzido como escrita das formas diárias, correlacionamo-los diretamente aos estudos da microsociologia, centrada na análise das interações entre sujeitos, o que serve como um termômetro para o todo social.

Com o presente artigo, esboçaremos considerações acerca da sociologia compreensiva, trabalhada por Simmel. Assim como observaremos como se elaboram perfis, isto em três etapas: pauta, entrevista com os futuros perfilados – no dado instante apenas personagens, e a escrita do formato em si; usaremos os conceitos da dramaturgia aplicados por Goffman.

Assim, perfil jornalístico, cotidiano e interacionismo goffmaniano formarão a tríade para este objeto e que culminará na dissertação da autora a ser defendida: “O perfil jornalístico e o cotidiano das personagens no jornalismo impresso de Veja”, onde perfis de personalidades brasileiras e conhecidas do público serão analisados segundo estes apontamentos.

PERSONAGEM: UM CONCEITO INICIAL

A palavra personagem tem raiz comum à etimologia de *persona*, cujo significado pode ser próximo ao de máscara, ou seja, entidade tomada pelo indivíduo que variará segundo as convenções sociais; voltada ao mundo externo, na busca de



adaptação e aceitação - o mesmo conceito pode ser verificado nas proposições da dramaturgia goffmaniana que veremos a seguir.

A visão latina da palavra personagem tornou-se mais conhecida e adotada nos estudos das humanidades. A importância de compreender o seu conceito dar-se-á pela efetiva possibilidade de com ele, entendermos o cotidiano. Pois, ao se falar em imprensa, pensa-se automaticamente em diversas formas textuais cujo enfoque gira em torno da personagem. E, com isso, o compromisso da prática jornalística com o lado humano dos acontecimentos, afinal, sujeitos ocupam sempre espaço em todas as etapas da ação midiática.

Personagem, de acordo com o pesquisador Sergio Vilas Boas (2002, p. 125) “Refere-se ao que é esperado de um sujeito e a maneira como ele acredita que sua imagem deve aparecer publicamente. É uma espécie de compromisso entre o indivíduo e a sociedade”. Sodré (*apud* Pena, 2004, p. 12) aponta que:

Ao evocarmos jornalisticamente a vida de uma personalidade nacional, geralmente reinterpretemos individualmente aspectos de um passado, de modo historicamente sequencial, em busca não de um consenso, nem de identidade comunitária, mas de uma coerência satisfatória à lógica momentânea do mercado. Individual ou social, o trabalho da memória é, de todo modo, uma reconstrução do passado à luz da inteligência presente.

A caracterização de alguém não atende apenas aos apontamentos psicológicos, mas também ao papel que ela exerce num dado ambiente espaço-temporal, ou seja, o cotidiano. Em *A personagem de ficção*, Antonio Candido (1970, p. 56-58), afirma que: “Um ato ou uma sequência de atos – assim como uma conversa, afirmação ou uma informação – são fragmentos de ser. Esses fragmentos permitem uma visão coerente de um ser (personagem ou pessoa), porém esta visão é variável”.

E.M. Forster, em *Aspects of Novel* (*apud* Brait, 1987, p.41-3), classifica as personagens de duas maneiras: como *planas*, construídas de forma fixa e em torno de uma única qualidade ou característica, e as personagens *redondas*, mais comuns ao jornalismo, apresentadas a partir de sua complexidade, normalmente dinâmica e particularizada às idiossincrasias humanas.

As planas ainda podem ser subdivididas em *tipo* e *caricatura*; a primeira descreve o traço marcante da personagem, aquele que deu-lhe notoriedade, sem atingir a deformidade, já na *caricatura* são destacados os gestos e atitudes estranhas da



personagem, dando margem e tendência à exibição, quando não obstante, autores utilizam a deformação e a incoerência para tornar a personagem caricatural.

ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE: O ENCONTRO COM O OUTRO

A entrevista é sem dúvida, um lugar de definição da investigação jornalística. Considerada essencial não só ao Jornalismo, mas às Ciências Humanas e Sociais como um todo, muito tem se discutido a respeito de qual enquadramento conceitual seria mais pertinente a ela, sabendo que a mesma atua como método de apuração e estilo de escrita presente na elaboração de quase todos os formatos do jornalismo.

Voltamos nossa atenção especialmente à entrevista em *profundidade*, pois é o tipo mais indicado na elaboração dos formatos jornalísticos caros à humanização da escrita. Com esse tipo de entrevista fugimos das perguntas e respostas centradas no indivíduo, mas captamos a representação de mundo construída pela personagem. De acordo com Morin, (*apud* MEDINA, 2002, p. 13):

Antes de tudo, ela dá a palavra ao homem interrogado, no lugar de fechá-lo em questões preestabelecidas. É a implicação democrática da não diretividade; em seguida, ela pode ajudar a viver, provocando um desbloqueio, uma liberação; enfim, ela pode contribuir para uma autoelucidação, uma tomada de consciência do indivíduo.

Assim, a intensidade da entrevista irá variar segundo aquele que a leva, valendo-se principalmente do que na Antropologia chamamos de “observação participante”, ou seja, a forma como o entrevistador tem de facilitar e permitir a assimilação do entrevistado acerca da própria entrevista, produzindo pensamentos não-pautados.

Poderia ser a formalização de uma informação já especulada. No entanto, o que chamaríamos de jornalismo com preocupação no sensível tem a entrevista como a oportunidade de dar aos leitores a possibilidade de perceber as nuances da profissão que tem por mérito o princípio de escrever mediando sobre o mediado.

A experiência de vida, fortemente retratada no perfil, é a parte principal da entrevista. Apenas com ela podemos identificar o que denominamos ciclo comunicacional, isto é, entrevistado - repórter - leitor. De acordo com Medina (2002, p. 8):



A entrevista, na suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir a pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação.

E nesse sentido abordamos a entrevista enquanto interação social, fonte teórica, e no caso específico do perfil, também metodológica, com foco nos atores. Por que não questionarmos o funcionamento da entrevista frente o interacionismo goffmaniano, corrente de estudo que analisa o cotidiano a partir da fala e vivência dos participantes do fenômeno social?

O PERFIL JORNALÍSTICO

Dominique Maingueneau citado por Pena (2004, p. 62) acredita que todos os textos podem ser classificados em gêneros específicos, afinal: “Tais categorias correspondem às necessidades da vida cotidiana e o analista do discurso não pode ignorá-las. Mas também não pode contentar-se com elas, se quiser definir critérios rigorosos.”.

Luiz Beltrão e José Marques de Melo tornaram-se pesquisadores emblemáticos nos estudos dos gêneros com uma tradição de mais quarenta anos de pesquisa nessa área específica. Marques de Melo inventariou os principais estudos do mundo em países como Alemanha, Estados Unidos, França e Inglaterra, mas fez sua própria classificação dos gêneros do Brasil que levam em consideração: finalidade/intencionalidade do texto, estilo, morfologia/modos de escrita, natureza do tema e valores culturais.

Para fins teórico-metodológicos iremos nos basear no último livro do professor José Marques de Melo em colaboração com seus alunos lançado em 2010. A obra trata de cinco gêneros jornalísticos específicos: informativo, opinativo, diversional, utilitário e interpretativo, neste último, além do perfil, também estão incluídas análise, enquete e cronologia.

Sobre o jornalismo interpretativo devemos entendê-lo segundo três momentos classificatórios diferentes. O primeiro corresponde ao surgimento do jornalismo interpretativo, que também pode ser chamado de jornalismo em profundidade, explicativo e motivacional. Mário Erbolato (1991) acredita que esse jornalismo



intensificou-se após o surgimento da televisão, adequando-se à uma necessidade de analisar o que ocorreu nos fatos de forma a escapar da pura finalidade.

O segundo momento diz respeito ao que chamaríamos de reportagem em profundidade (BELTRÃO, 1976), ou seja, uma corrente específica do formato reportagem cuja metodologia destacava-se pela necessidade de discutir os sentidos e conteúdos intrínsecos ao acontecimento. Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro (1973) a chamam de reportagem interpretativa.

A última fase de classificação foi feita por Dias et al (1998, p. 13-14) que inclui além do perfil, a enquete, a cronologia e a análise, tendo somente o primeiro, repercussão e definição satisfatórias no jornalismo brasileiro. Neste texto, buscaremos compreender apenas o perfil de acordo com diversos autores do jornalismo que o problematizam mais aprofundadamente.

Não se pode datar precisamente quando o perfil começou a ser publicado, fala-se em algo em torno dos duzentos anos de existência. No entanto, a partir da década de 1930, influenciado em parte pelas publicações norte-americanas *Esquire*, *Vanity Fair*, *Life* e *The New Yorker*, o formato começou a ganhar destaque, pois cumpre um papel importante que é a preocupação da experiência do outro.

O perfil jornalístico atualmente “erroneamente” vem sendo batizado de diferentes maneiras pelos interessados em seu estudo. *Close-up*, retratos de vida, reportagem narrativo-descritiva de pessoa e até biografia curta.

No perfil o protagonista não é o fato, mas a personagem que dele participa. O formato, porém, narra a pessoa como se fosse um fato, inclusive trazendo vozes de conhecidos do perfilado que atestam ou contradizem a figura esmiuçada, não devendo haver necessariamente consenso.

O perfil não é uma tentativa de sentimentalizar os relatos da vida cotidiana, ele apenas torna acontecimentos corriqueiros, captados por um mesmo ângulo, em leituras prazerosas. A apreciação do formato se dá em grande por, através de um texto curto se comparado aos demais - duas ou três laudas, retratar as personagens a partir dos discursos delas sobre si. Por isso, os perfis aquecem a vendagem de diversas publicações.

Seja um anônimo ou conhecido do público, através do perfil é possível encontrar a profundidade que existe na aparência do relatado. Um dos principais atributos do perfil diz respeito ao pleno destaque na pessoa. No formato preocupa-se em desvendar a momentaneidade da personagem, mesmo que essa venha a ser modificada com tempo.



A construção do perfilado no perfil, portanto, irá variar segundo o limiar de quem ele é, quem gostaria de ser e o do que a sociedade aprova ou não dele.

O formato tem grande tendência a promover a autoria do repórter, que de fato, deve ser estimulada. O autor deve imprimir ao texto as impressões que o entrevistado tem acerca dos assuntos que estejam ocorrendo no presente. De acordo com Vilas Boas (2003, p. 22): “Esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável”.

COTIDIANO: TEMPO, ESPAÇO E SUJEITO

Muito se fala sobre o cotidiano, entretanto, a tendência tem sido confundir esse conceito ao entendimento que temos da palavra *atualidade* e da expressão dia-a-dia. O cotidiano é de fato o atual, no entanto, incrementado e cercado pelo passado, que pode ou não ter influenciado o presente, assim como as possibilidades de um futuro que o reflita. Por isso estudar o perfil através desses aparatos.

Necessário compreender que existe um lado da sociologia que identifica o cotidiano como espaço da pós-modernidade disposto a descer do pedestal da razão, e outro que não credencia a validade dos métodos – considerados moles, e da base analítica desse campo, compreendo-o apenas como uma crítica da contemporaneidade aos modernos.

Pesquisando as motivações do surgimento do cotidiano moderno, das reações pós-modernas, e desse eterno ciclo, costumeiramente encontramos os valores que ligam o sujeito e o coletivo, o totalitário e o compartimentado. Assim, devemos pesquisar através de fatos retirados da vida diária esse vasto laboratório que é a “dialeção do real” (TEDESCO, 2003).

De antemão, são várias as correntes cujo principal interesse é compreender o que se passa na vida diária de uma sociedade margeada pelo todo social: formismo, interacionismo, marxismo e fenomenologia. Tedesco (2003, p. 21) percebe que: “Centralizar o sujeito individual através de suas práticas e representações, pelas quais se relaciona e negocia com a sociedade, com a cultura e com os acontecimentos, significa dizer que o cotidiano não é só vivido, torna-se objeto de interrogação e de debate”.

O sujeito enquanto ser particular-universal, para Garfinkel (*apud* TEDESCO,



2003) o mundo social é uma produção pura da ação individual mediatizada pela linguagem. Nele, o sonho e o imaginário estão estreitamente ligados, sobretudo nos momentos em que as sociedades sonham-se a si mesmas. John B. Thompson (2008, p. 45) acentua que:

Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que tem de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos para reflexão e auto-reflexão, como base para refletirem sobre si mesmos, os outros e o mundo a que pertencem, (...) tecendo aspectos de suas vidas com as mensagens da mídia e com suas respostas às mensagens relatadas. (THOMPSON, 2008, p. 45)

INTERACIONISMO SIMBÓLICO EM ERVING GOFFMAN

O sociólogo canadense Erving Goffman foi responsável pela introdução da dramaturgia como elemento necessário à análise dos atores e suas interações no social, assim como observou as estratégias de personalização utilizadas pelos sujeitos para melhor transitar socialmente.

Elaborada aproximadamente na década de 1930 em Chicago, nos Estados Unidos, e com forte amparo na Sociologia e Antropologia, os pesquisadores dessa vertente de estudo acreditavam nas cidades como amplos “laboratórios sociais”. O destaque principal ficava por conta do método utilizado ser a pesquisa de campo, tendo como atributo a possibilidade de uma boa construção etnográfica. Os pesquisadores tentavam entender como se davam as formas de vida em ambientes notadamente urbanos junto aos seus problemas característicos.

A aparição da escola no período entre-guerras pode ser explicada pelo inchaço da população nas cidades e o conseqüente agravamento dos problemas da metrópole de Chicago que não estava preparada para receber todas essas pessoas.

Do ponto de vista epistemológico existem várias “escolas” de Chicago. A corrente que indicaremos, em especial, surgiu aproximadamente na década de 1960 sob orientação de Goffman em especial, mas com forte influência de Garfinkel e Cicourel, direcionando o que, para muitos, viria a ser a etnometodologia e fazendo aumentar o interesse em torno dos estudos da agora conhecida “sociologia do cotidiano”.



A principal contribuição do interacionismo simbólico é a de que os significados sociais são produzidos nas circunstâncias interatuantes dos atores. E é nesse momento que o pesquisador deve estar presente, a partir de observações diretas e conhecimento prático.

Dessa forma, a supracitada corrente presta-se de maneira eloquente ao estudo do jornalismo e suas personagens, já que está fortemente ancorada na ideia de performance e interação (jornalista-entrevistado). Ou seja, a concepção do interacionismo simbólico frente à sociologia do cotidiano ancorará o estudo das formas de sociabilidade onde os sujeitos encontram-se constantemente incitados a exercer seus papéis na vida cotidiana noticiada pelos jornais.

Assim, podemos comparar métodos, instrumentos e procedimentos da Antropologia, majoritariamente, aos pontos destacados na confecção do perfil jornalístico através da: boa pauta, entrevista abordando o encontro com o (s) outro (s), e a finalização através deste formato específico que se centra na performance do sujeito.

No prefácio de “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, Goffman afirma que seu trabalho entende os acontecimentos a partir de uma perspectiva sociológica, podendo assim estudar a vida social. Também atenta que a sua visão sobre as personagens está intimamente ligada à representação teatral, ou seja, que o indivíduo - no nosso ver, sujeito, em situações comuns de sua vida, trabalho, escola, etc - regula a impressão que os outros terão acerca dele. Goffman (2005, p. 9) afirma que:

O palco apresenta coisas que são simulações. Presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas. Mais importante, talvez, é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. (GOFFMAN, 2005)

Na vida cotidiana a interação e a conseqüente teatralidade das personagens estará presente desde o primeiro instante. Essa teoria formulada por Goffman (2005) apenas reforça a impressão que temos de que o perfil, mesmo aqueles tomados por pessoas não-públicas, tendem a ser, da perspectiva do perfilado, uma encenação, onde, obviamente, até os momentos ruins de sua vida, podem ser relatados de maneira envolvente e prazerosa.

A vertente goffmaniana baseia-se, sobretudo, nas teorias e pensamentos formulados por Simmel, por isso optamos por sua visão para o nosso estudo do perfil no



jornalismo. A primeira suposição é a de que o jornalismo é um espaço que, mesmo que com gêneros que reflitam o particular, não deixa de retratar a vida social como um conjunto de formas interligadas pelas experiências.

A segunda teoria é a ideia do perfil como performance. Como já alertamos, mesmo que lide com figuras pouco conhecidas do público, no nosso caso em particular, serão analisados apenas perfis de personalidades de conhecimento do público brasileiro, e que claro, passaram por momentos vistos e percebidos pela sociedade brasileira como um todo.

Fica claro que o perfil é escolhido primeiro porque o sujeito é carismático, ou seja, as pessoas “não-midiáticas” identificam-se com ele. Segundo, porque naquele momento a realidade retratada não é só a da personagem, mas dos outros. Goffman (2005, p.11):

A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação. Tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil para nós não é um formato antigo, do passado, de narrar os feitos apenas de figuras conhecidas do público a partir de um determinado espaço/tempo, junção que costumo de chamar de cotidiano. Na realidade, consolida-se como um estilo de escrita onde a sociedade pode ser representada a partir do interior de um indivíduo, do seu particular. E principalmente, em como o autor, repórter, o narra através das diversas possibilidades do jornalismo.

Importante destacar que o interacionismo enquanto aparato teórico e metodológico das Ciências Sociais foi escolhido porque traz à tona a capacidade do pesquisador em enxergar ligações entre seu objeto de estudo e as outras áreas de conhecimento, o que se vê como uma nova tendência que não postula o saber como algo exclusivo de uma disciplina (ou ciência), pois a natureza da pesquisa, na realidade, está no diálogo, na contínua troca de saberes. E no jornalismo não é diferente.

A grande pergunta que impulsiona não só a nós enquanto estudiosos da escrita sobre a vida, seria como utilizar o conhecimento de outros campos em busca de uma



análise mais abrangente do cotidiano que nos é relatado através do discurso no/do jornalismo?

Dessa forma, o perfil jornalístico continua baseado na realidade, mas usando aparatos cujo destaque está na possibilidade do autor extravasar a sua criatividade. Constitui-se, portanto, num objeto que deve ser analisado sob a ótica do pensamento sensível, validando a ética/estética de narrar os fatos, driblando assim, a rigidez, mas não eliminando por completo o jornalismo inserido com seus preceitos primeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2008.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- DIAS, Paulo da Rocha et al. **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 1998.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 1991.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (orgs). **Os gêneros jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Metodista, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____; LEANDRO, Paulo Roberto (orgs). **A arte de tecer o presente**. Jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.
- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- _____, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.



TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano**: Introdução à constituição de um campo de análise social. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 9. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.